

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 10 DE SETEMBRO DE 1907
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 111

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINOAL.
História dos sete dias....	MILHEU.
Gazeta rimada.....	V. MAGALHÃES.
Prançini.....	S. RAMOS.
Velho lyris soneto.....	P. FRANCO.
Raymundo Corrêa «Ver- sus e Versões».....	A. DE OLIVEIRA.
Notas bibliographicas....	T. DE QUEIROZ.
A nne annos, soneto.....	A.
Um corvo e um papagaio	A. DE LIMA.
Jornais e Revistas.....	P. TALMA.
Raymundo Corrêa, so- neto.....	TIO ANTONIO.
Theatros.....	H. DE MAGALHÃES.
Festas, ballies e concertos	L. M. BASTOS.
Fernso Alegre—Jehovsh	ENRICO.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Annuarios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle e respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e áa que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremoa um dos seguintes brindea, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi poeto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricatures coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idyllas*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelia A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremoa um dos seguintes brindea, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Se o meu leitor não tem absolutamente nada que fazer, queira sentar-se aqui, a meu lado — e ouça-me.

Offereço-lhe uma cadeira de vime, horrorosamente incommoda, oade V. Ex. não poderá adormecer com o narcotico da minha proeza.

Agora, que V. Ex. já está ao supplicio da cadeira de vime, imagine... A um leitor é sempre permittido imaginar. — Imagine que eu bontem tive uma syncope.

E' verdade, tive uma syncope! Um acaso feliz atirou commigo numa casa, onde fui recebido por uma senhora que en não conhecia. Ao dizer-lhe o meu nome, a senhora ahiro um bello sorriso amavel e mandou-me entrar immediatamente. Apresentou-me a varias pessoas da casa e declarou-me em seguida, resolutamente, sempre com o mesmo sorriso amavel da recepção, que era minha leitora desde a fundação d'A Semana! Agora é que o meu querido leitor não tem imaginação sufficiente para imaginar o que se passou no meu peito. En tinha uma leitora!

Nos olhos de uma outra senhora da casa, muito joven e muito formosa, havia um brilho de lagrymas mal enxutas: Ella pertia para longes terras de Europa e já tinha começado as despedidas... Nas suas faces mnto rosadas luzia suavemente a pelle bem tractada, e os longos cilios estavam ainde alforados de tenuissimas camarinhas de pranto. A miabe amavel leitora explicou-me com indulgencia n motivo das lagrymas recentes — e continuou a falar-me d'A Semana e da *Historia dos sete dias*.

Eu, que tenho uma enorme carga de molestia para estas occasiões, disse-lhe admirar-me de que ella, lendo me ha quasi tres annos, coaservasse ainda a bôsaude que parecia gosar; que eu, no seu caso, já teria fallecido ha muito, e que era realmente um milagre encontrar-a tão forte e bem disposta, absorvendo por tão largo espaço o veneno da minha prosa.

Trocámos os cumprimentos do estylo e sahi. Já me havia commovido am pouco a vista da moça chorosa; isto juncto á certeza de ter uma leitora, acabon-me com ns forças. Atirei-me para dentro d'um bond que passava — e desmalei. Felizmente estava no mesmo banco uma senhora elegante que me deu a cheirar o seu frasquinho de saés e acordei para pagar a passagem.

Foi este, para mim, o mais importante acontecimento da semana, por isso o deixo ficar aqui para admiração dos seculos.

Ao começar esta chroaica lembrei-me da grave responsabilidade que pesa agora sobre os meus hombros debeis de cronista. Enquanto eu não sahia, nem ao menos desconfiava que tinbe uma leitora, tudo ia bem; os bomeas, por mais velhos e graves que esjam, são sempre rapazes, e a gente com elles não preciee de reserva nem de cautelas exaggeradaa. Mas com as senhores o caso é outro e eu tenbo de escovar a penna para sacudir algum pósiabo de inconveniencia que ella posse ter.

Doravante prometto ser sério como um elephante morto.

Apreciem o meu leitor e a minha gentil leitora a gravidade com que eu vou tractar os meus assumptos.

O acontecimento publico da semana foi a epistola (reparem no estylo) do Dr. Derneval da Fonseca sobre a molestia de S. M. o imperador.

O mundo hem sabe que eu, elem de republicano son tembem hõa pessoa. Não desejo, pois, o mal de ninguem, — não por virtude, antes por egoismo, porque sempre me affljo com os males albeios. Lastimo, por consequencia, os soffrimentos de S. M.; mae não posso furtar-me a achar patuasca as noticias que nos vêm da Europa.

A *Caseta* fez um arrnido tremendo com a carta do seu correspondente. Nn dia seguinte o *Jornal* contestou as affirmações com um telegramma que, evidentemente querendo negar, não fez maie do que confirmar as asseverações positivas do Derneval, porque disse haveram cessado as lacunas da memoria de S. M., facto que ainde se não tinha declarado oficialmente. O *Paiz* de hontem embrulha aind maia a

situação, traascrevendo um telegramma passado de Baden-Badeo para a *République Française* e publicando uma carta do seu correspondente.

O telegramma deve ser de 18 de Agosto, porque foi publicado na *République* de 19 — e diz que o imperador está com o figado seriamente atacado, que a sua saude está longe de melhorar e que a residencia no Brazil aeria fatal a S. M.; o correspondente diz, em carta de 13 do mesmo mez, que «Dia a dia se vão maifestando as progressões melhooras de S. M. o imperador», e relata elguas factos para confirmar o aserto, entre os quaes este, muito curioso:

« Sua Magestade, que huaca se cunsa de estudar, lembrou-se nos ultimos tempos de aprender hebraico. Chamou para junto de ei o professor allemãe Seibold, que a hordo do *Gironde* o accompanhou desde o Rio. Tendo-lhe permittido em Lisboa que fesse ver sua familia, agora manlou Sua Magestade chamal-o para continuar as lições encetadaa. » « Seibold está já em Baden-Baden e vão, portanto, rcomeçar as lições de hebraico. »

Que os seabores medicos tomem nota d'este facto. Quando um homem estuda o hebraico, já se sabe — está de saude, não soffre do figado, não tem diabetes, não tem lacunas na memoria! De eorte que, pelo que se pode inferir das palavras do correspondente, do que S. M. necessita não é de mais remedios, e de mais hebraico; não lbe devem apreearar outro medico, devem fornecer-lbe outro Seibold.

Examinadaa todas as noticias e todos os telegrammas, vemos que S. M., que aqui só tinha febreas intermittentes, tem agore diabetes, *glycosuria*, lacunas na memoria, e está com o figado fortemente atacado; mes eo passo que apparecem estas molestias todas, a epinião dos correspondentes — excepto o da *Caseta* — é que S. M. melhora de dia para dia, que o seu estado continua a ser satisfatorio, e que tem tanta sende que até estuda hehriseo e assiste a operetaa gaiatas nos theatros da Baden-Baden!

A demasia de noticelas dá este resultado: a gente chega a saber tantas coizas que, quando examina o que sabe, verifica que não sabe nada! *Só sei que nada sei*, disse o sabio, nam ssmo de modestia, como se bouvera lido ae noticias de Baden-Baden.

E' o que nós podemos dizer.

Estiveram este anno muito animados os festejos do dia 7 de Setembro. O hymno da *Brava gente* foi tanguido com furor por todas as ruas, e nn morre de Santo Antonio hnave uma formidavel e pavorosa arrebentação de fogo de artificio, obrigadn a mortelroes de dyna-

mite, ensurdecedores e terríveis. Honve no theatro S. Pedro uma sessão solenne do Corpo Collectivo União Operaria; navios surtos no porto embandeiraram em arco; andou pelas ruas uma longa procissão civica de escolas publicas e particulares; no largo do Rocio ostentaram-se os tradicionais coretos de papelão—mas apozar de tudo isso o Brazil continua escravo da Escravidão, e talvez que, á hora em que o jubilo verde e amarello se expandia por essas ruas, alguns centos de escravos gemessem nos troncos do interior as dores dos castigos barbaros. Como seria bello e grandioso que o Brazil a 7 de Setembro de 88 festejasse a sua independencia com a festa geral da Liberdade!

Mais dois naufragios! Os dos vapores inglez *Zof* e nacional *Imperial Mari-nheiro*.

Decididamente os mares do Brazil estão mostrando muito máo interior. Eu não gosto de tratar d'estes assumptos tristes, tenho-o dicto aqui muitas vezes—e registro-os apenas por dever de chronista. Quando se soube dos sinistros do *Apa* e do *Jaguarão* en dei aqui uns versos de repicaponto, que, por meio de engenhosas onomatopias, conseguiam não dar idea nenhuma das terríveis scenas. Agora, na triste impossibilidade de fazer uns versos peiores do que aquelles, calo-me prudentemente, na intenção piedosa de poupar os meus leitores a duas desgraças junctas.

E vou escovar a casaca para ir assistir hoje á festa inaugural do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura.

FILINDAL.

GAZETA RIMADA

Esta nasceu d'esse entusiasmo
Qu'houve no Sete de Setembro;
Surgiu ao mundo como um pasmo,
Ou como um riso, se me lembro.

Ha de contar ás leis do metro
Tudo o que a Musa das gazetas
Disser do povo, e mais do sceptro,
Sejam verdades, boatos, petas...

Aqui terão todas as cousas,
Seja qual for o sen cartaz,
Da fina troça sob as lousas,
(Força da rima!) um *aquí jaz!*

Leitor amigo, quer litt'rato,
Conservador ou liberal,
Parlamentar, edil, ao tracto
D'esta cousa não queiras mal!

Não te magões se ella algum dia
Te criticar ás gargalhadas,
Pois a su'alma é a ironia,
Suas estrophes são ferroadas!

E tu, burguez gordo e baixote,
Que com os suinos teus alliança,
Não te estomague o piparote
Que a Musa possa dar-te á pança.

E dado, pois, este canção
Num metro todo escangalhado,
Tome cada um pr'n seu tabaco;
Tome, mas sem fiar zangalo.

I

A carta do Dermeval
Foz um barulho damnado...
Pois dizer que o imperial
Miolo está desmiolado
E' coasa que alto se diga?
Cruz, canhoto! Figa! Figa!

Os apedidos gemeram,
Houve odios... a pedido;
Uns de comer se esqueceram,
E até houve um atrevido
Que ante o doutor Araujo
Gritou: «O' ingrato! O' sujo!»

Tudo zangou-se! Está tudo
Fulo de cólera e raira!
O Cotegipe anda mudo,
Quer suicidar-se o Saraiva,
Deixou Paulino o Macuco
Por ser rima p'ra maluco!

Querem teu sangue, tua morte;
Gritam, doutor, que és entulho!
Santo Deus, que triste sorte:
Dermeval em sarrabulho,
Figurando, com certeza,
Do Cotegipe na meza!

E entre um *hurra* e um *hip*,
Já vasio muito almade...
A' tua morte o Cotegipe
Ha de fazer a saude!
Que alegre! Que regabotes:
Feitos em bifes teus bofes!

Nesta cidade, doutor,
Se vens de volta, não pises;
Sei que á pelle tens amor,
Tens tambem a vida em crises:
Toda a gana espevitou-se!
Querem teu sangue... Acabou-se!

Querem teu sangue! Que drama
Vae baver, ob Deus clemente!
Mas en vou chorar na cama,
(Que disem ser lugar quente)
Guardando no peito a fama,
(Toça o hymno!) *Brava gente!*

MELIBEU

PRANZINI

Sabe-se, por telegramma de Pariz, ter sido guilhotinado, ante-hontem, na praça da Roquette o famoso, o «famigerado» (é o adjectivo do costume) assassino de Maria Regnault.

O illustre presidente da republica recusou commentar a pena.

Pranzini ousou lutar com o executor da alta justiça: ergueu o collo contra o cutello do Dr. Guillotin, vendeu caro a sua vida maculada e maldicta.

Li as sete linbas em que nos foi transmittida essa noticia, e fiquei triste.

Horrorison-me ver, ao expirar este grande seculo, em vespas de cente-

nario da Revolução Franceza, a nação mais culta e mais adiantada do mundo, a patria de Victor Hugo, — agarrada ferozmente a um homem para obrigar-o o sotopor o pescoço á meia lun fatidica da guilhotina.

Affigurou-se-me ver o gordo burguez, presidente da republica, o bondoso *papá* Grevy, deixar contrariadamente o seu ameno tacho digestivo, abandonar as suas queridas carambólas, as melodias do piano de sua adorada filha, a companhia preciosa de seu estimado genro, para ir, na sala immediata, recusar peremptoriamente, mas tranquillamente, o seu jamegão todo poderoso para impedir que mais uma vez se des-honrasse a França assassinando um homem, assassino embôra.

Repugna-me essa idéa.

Não posso conciliar em meu espirito conturbado a pureza d'alma d'esse honrado pae de familia, d'esse simples matador de perdizes, com a pequenez do chefe de Estado que se julga menor que um cadafalso, e que pensa ser obrigado a sentar-se á mesa da civilização europeá, para o convivio universal do Progresso, com as mesmas luvas que usava Caligula — feitas de sangue coagulado.

Aquelle desgraçado que luctou com o carrasco de Pariz, não se chama Pranzini — chama-se Seculo XIX.

Não foi um assassino que recua ante a morte quem procurou furtar á lingua do cutello faminto uma vida de homem: — foi a alma do seculo que protestou, em nome da civilização universal argamassada com tanto sangue e tanta lama, contra a generosa e rutilante França do defensor de Calas e do defensor da Cummuna, que ainda pede mais lama e mais sangue para consolidar a sua gloria.

Como? Os livros de Victor Hugo não conseguiram *revogar a sentença* enfatuada e cruel de um pamphleto de Alphonse Karr?

Acredital-o-á Grevy?

Acredital-o-á França?

Se o acreditam, é triste, porque as estatisticas de modernos criminalistas provaram já — e a observação continua dos factos o confirmou — que a maior parte dos assassinos que deram pabulo á guilhotina assistiram a execuções capitães; que, como recurso de moralisação, como *exemplo*, o assassiuato legal é negativo.

A faca da justiça não faz baixar a dos assassinos, porque aquella, como esta, não corta o mal — corta a carne de um homem.

Se a morte pudesse ser um argumento, selo-o-ia em favor da vida.

Sei de alguém que devia ter-se entricado tanto como eu, lendo a noticia da execução de Pranzini: é aquelle soberano de um paiz de escravos que não consente que nenhum d'elles, quando se faz assassino, enbora do seu *senhor*, seja estrangulado pela alta justiça do seu paiz; que não quer que numa terra em que fluctua a bandeira franceza no topo de um mastro oscille um cadaver de boniem no alto de uma forca.

Honra lhe seja!

VALENTIM MACALHÃES.

4—9—87.

VELHA LYRA

Não receio de amar: sua ternura
E' que me leva a mim a alma presa,
E, se o amor é lei do natureza,
Ter receio de amar fóra loucura.

Nada tenho a temer; se a desventura
Vier breve cobrir-me de tristeza,
E' que Deus quiz crear sua belleza
Para me dar a morte a formosura.

Não receio de amar; e, se partido
Eu vir minha existencia, ao duro corte
Do fado que me leva de vencida,

Contente cumpro a lei da escura sorte;
Se, por morrer amaído-a, eu quero a vida,
A viver sem a amar prefiro a morte.

SILVA RAMOS.

RAYMUNDO CORRÊA

«VERSOS E VERSÕES»

Acabo de reler o livro que ultimamente publicou Raymundo Corrêa.

Se fosse escripto em francez, com o mesmo esmero com que o foi na lingua portugueza, e ainda, na época de Luiz XIV, em que as criadas de quarto, diz um critico, entendiam mais de cousas de arte que os nossos academicos, em vez de cem leitores, o auctor dos *Versos e Versões* podia contar com cem mil.

Com effeito, em verso, na lingua portugueza, não conheço trabalho algum que possa rivalisar com o livro em questão.

Ha muito que comparo Raymundo Corrêa com Th. Gautier, opinião que foi corroborada em dos umultimos numeros d'*A Semana*; mas é preciso ainda emprestar ao auctor de «Mlle. de Maupin», não só a inspiração de Alf. de Musset, como a poderosa faculdade de synthetisar que possuem Leconte de Lisle e F. Coppée.

Eu sei que a obra d'arte é uma funcção da temperatura moral, que por sua vez, é o *estudo geral dos costumes e dos espiritos*, e que actua do mesmo modo que a *physica*.

Em virtude d'essa lei, Raymundo Corrêa na producção de sua obra, não sahio do meio.

Isto é fatal, inevitavel; mas,—como as grandes arvores que crescem e absorvem maior quantidade de luz, sombreando area capaz de conter centenas da mesma especie, e affrontam com o viço de suas folhas, flores e fructos, os raios de um sol abrasador,—elle, o nababo da arte, destaca-se de toda uma geração de poetas, muitos dos quaes, por justos titulos, notabilissimos.

Tomemos ao acaso uma poesia dos *Versos e Versões*, porque estudal-as methodicamente é trabalho a que não me aventuro.

JOB

Quem vae passando, sinta
Nejo embora, ali pára. Ao principio era um só;
Depois dez, vinte, trinta
Mulheres e homens... tudo a contemplar o Job.

Qual fixa-o boquiaberto;
Qual a distancia o vé; qual se aproxima, altiro,
Para olhar mais de perto
Esse pantano humano, esse monturo vivo.

Grossa turba a rodeia...
 Ko que mais horrõria é vel-a a mendigar,
 E ninguem ter a idéia
 De um só vintem de mãos roldas lhe atirar;

*Não é ter que a indigência
 Transforma-o em pasto já de vermes; e lhe impera,
 Na immunda florescência
 De corpo, a podridão em plena primavera;*

*Nem ver sobre elle, em bando,
 Os mescardos cruéis de rispídos ferrões,
 Incommodos, cantando
 A musica feral das decomposições;*

*Nem ver que, entre os destroços
 De seus membros, a Morte, em blasphemias e pragas,
 Desencarnando-lhe os ossos,
 Os dentes mostra a rir, pelas boccas das chagas;*

*Nem ver que só e escaço,
 Ato andrão, que a lepra horrível, que lhe prüé,
 Mal encobre, e o pedaço
 De telha, com que a raspa, o misero possui;*

*Nem do vento ás rajadas
 Ver-lhe os farrapos vis da roupa fluctuante,
 Yuando — desfraldadas
 Bandeiras da miséria immensa e triumphant;*

*Nem ver... Job agonisa!
 Embora; isto não é o que horrõria mais.
 — O que mais horrõria
 São a falsa piedade, os fementidos ais;*

*São os consolos futeis
 Da turba que e rodeia, e as palavras fingidas,
 Mais baixas, mais inuteis
 Do que a lingua dos cães, que lambem-lhe as feridas;*

*Da turba que se, odienta,
 Com a pata brutal do seu orgulho vã
 Nao nos magda, inventa,
 Para nos magoar, a sua compaixão!*

*Se ha entre a luz e a treva
 Um termo médio, e em toda ha ponto mediano,
 E' triste que não deva
 Haver isso tambem no coração humano!*

*Porque n'alma não ha de
 Um meio termo haer d'essa gente tambem,
 Entre a inveja e a piedade?
 Pois tem piedade só, quando inveja não tem!*

Onde buscar a profunda philosophia
 com quo Raymundo Corrêa syntbetisa
 uma boa parte da nossa sociedade?

O Job do deserto, o biblico,

« Esse pantano humano, esse monturo vivo »

vaga noute e dia pelas ruas das cida-
 des, pelas aldeias, pelas estradas des-
 sertas...

« Grossa turba e rodeia »

E' a turba dos impios curiosos, das
 victimas da insensibilidade cardiaca,
 maior que a do Job, que tambem não é
 pequena.

Profunda philosophia, disse-o e repi-
 to, tão antiga como David ou Salomão
 mas até hoje ninguem lhe deu a forma
 precisa, ninguem metteu-a nos moldes
 que a arte suprema lhe destinara.

Nas « Invectivas contra Deus » Job
 não attrahe tanto a piedade, como nos
 versos que acabo de citar.

Na Biblia, Job é a revolta do homem
 contra a natureza.

Transcrevemos alguns trechos men-
 cionados por A. de Lamartine:

« Nas queixas de Job sente-se a sau-

dade do pó, a paixão do nada, o odio
 contra quem mudou esse feliz nada em
 vida e esse pó insensível em homem.»
 « A vida, diz Job: é um pezadello do
 nada, é um penoso sonbo, e o nada sem
 sonbo ó preferivel.»

« Para ganhar-se a vida é necessario
 perder tudo que nela fez desejar. Pe-
 reça a noite em que sonhei pela pri-
 meira vez nas entranbas da mulher! »

Com effeito esse Job, cheio de ulce-
 ras, isso eterno moribundo, esse Job
 que apodreceu em vida, tinha por espec-
 tadores a vacuidade do deserto.

O Job, porém, de que nos fala Ray-
 mundo Corrêa é a miséria, é a indigência,
 é a ignorancia, é a infamia, é a
 cobardia...

« Grossa turba o rodeia »

Essa turba de que nos fala o poeta é
 a impiedade, a indifferença, o egoismo,
 o orgulho, o odio, a inveja, o fingi-
 mento, a hypocrisia...

Tudo isto, disposto em linha de bata-
 lha, desfila aos olhos do poeta, que
 toma o azorrague do sarcasmo e vae
 descarnando os membros vis de uma
 sociedade corrupta. E conclue o poeta
 pedindo e inspirando mais compaixão
 pela turba que por Job.

Se deixamos de parte o philosopho e
 estudamos o poeta por outro prisma,
 é sempre o uesino colosso. Impeccavel
 na forma, sublime na maneira de com-
 por; os seus versos exprimem com a
 exactidão mathematica a harmonia
 dos sons e do pensamento.

Cada vocabulo é de tal modo apro-
 priado, que a sua substituição, por
 outro equivalente, com todos os pre-
 ceitos da arte, traria um deslocamento
 inevitavel.

Dotado de intuição poderosa, como
 que o poeta surprehende a natureza
 nas multiplas e reconditas combua-
 ções do bello, do sublime, do pathetico.

As onomatopéas, de um colorido hri-
 lbante, parece — excedendo as regiões
 da Acustica e penetrando os domi-
 nios da Optica — materializam a ima-
 gem a tal ponto, que reproduzem o
 objecto real, com todos os effeitos de
 luz.

*Nem ver sobre elle, em bando,
 Os mescardos cruéis de rispídos ferrões,
 Incommodos, cantando
 A musica feral das decomposições.*

Querem uma noção mais pereita da
 onomatopéa?

Impossivel.

Qualquer observador mediocre pôde
 verificar que a ultima palavra do se-
 gundo verso combinada com os dous
 versos que se seguem produz, na lei-
 tura, o zumbido de um eanxme de
 uoscas.

A harmonia dos pensamentos em
 nada é inferior á dos sons.

Nos diversos vocabulos de uma mes-
 ma phrase, e entre muitas phrases, as
 deslocções apparentes traduzem um
 equilibrio real, inesperado, surprehen-
 dente: verdadeiros jogos acrobaticos,
 que deixam a alma do leitor suspensa,
 enquanto apraz ao artista, que, com
 igual facilidade, fal-o voltar ao estado
 normal.

Se perguntassem a Raymundo Cor-
 rêa onde bebou tantos conhecimentos,
 que livros tem compulsado, quem lhe

imprimiu no espirito essa noção per-
 feita da arte, vel-o-lam embarcado.

Graças ao seu temperamento, o poeta
 recebe a maior parte das impressões do
 grande livro da Natureza; assimilla-as
 e nol-as transmite purificadas.

Dahi a superioridade sobre os con-
 temporaneos, que muitas vezes rece-
 bem as impressões alteradas, não de
 accordo com os preceitos da arte, que
 auctorisa modificções nas relações das
 partes, com o fim de tornar sensível um
 caracter essencial do objecto e, por conse-
 quência, a idéia principal.

A infracção d'esse preceito é um vicio
 commum nos nossos poetas, vicio que
 provém da falta de observação, devido
 ao temperamento, e da leitura dos li-
 vros francezes.

Como ainda espero occupar-me de
 Raymundo Corrêa, reservo-me para es-
 tudal-o em uma outra composição dos
 Versos e Versões.

PEDREIRA FRANCO.

Rio, Julho de 1887.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Intelligencia e Moral do Homem. E' o
 titulo de um novo livro do Dr. Domín-
 gos José Nogueira Jaguaribe Filho,
 approvedo com distincção pela Aca-
 demia de Medicina do Rio de Janeiro,
 commendador da ordem da rosa, socio
 do Instituto Historico e deputado geral
 pela provincia do Ceará (é o que nos
 diz da sua pessoa o Dr. Jaguaribe
 Filho no rosto do seu livro).

Este trabalho é o complemento da
 sua *Arte de formar homens de bem*. São
 obras uteis e interessantes.

Muito bem.

Relatorio, apresentado á Faculdade
 de Medicina da Bahia pelo Dr. Virgilio
 C. Damazio. E' um trabalho este im-
 portantissimo e onde se revelam os pro-
 fundos conhecimentos e rara illustração
 do distincto cultor da sciencia medica.

Do Sr. Joaquim Nunes recebemos
 um exemplar do seu drama abolicio-
 nista em 3 actos — *Corja Opulenta*.
 E' uma peça bem intencionada.

O editor B. L. Garnier offereceu-nos
 uma obra em 2 vols. do Dr. Pires de
 Almeida, intitulada *Analyse medico-pra-
 tica dos generos alimenticios*. Neste tra-
 balbo de grande importancia encon-
 tram-se dissertações sobre o modo de
 reconhecer as falsificações, adulterações
 e sanidade dos generos que entram para
 o consumo, e fiscalisar os fornecimentos
 das repartições publicas e estabeleci-
 mentos particulares. E' uma obra que
 revela muito trabalho, muita leitura e
 grande proficiência.

E' de enorme utilidade para os gran-
 des estabelecimentos, como collegios,
 asylos, quartéis, fabricas etc. Tambem
 a recommendamos ás *ménagères* instrui-
 das e zelosas.

A.

A UNS ANNOS

*Hir e tomar — e com a sua dammas
 Tem por divisa, Nunca se arrepende
 Elle do que te ha dado, entri, de ufanos
 Dotes cõria, de novo a mão te estenda.*

*Esas brilhantes alhos sabereanos
 São dadas sem par; mas da legenda
 Tema a letra final que tanta prenda
 Ha de lerar com as teus futuras annos.*

*Porque, colmada assim de encanto e graça,
 A formosura, um dia graça e encanto
 Hemos de ver passar com a mais que passa!*

*Pois o tempo não fura por ventura
 Mais justo, após haver lidado tanta,
 Intacta conservanda a formosura!*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Setembro 3 de 1887.

Um corvo e um papagaio

(CONTO PARA CREAÇÕES, OFFERECIDO AOS
 MEUS FILHOS)

Isto passou-se no tempo dos animaes
 falantes.

Um velho corvo, tendo de idade perto
 d'um seculo, num dia de muita chuva
 e vento, veiu, já sem forças, poisar na
 beira d'um telhado. Isto valente da
 amplidão dos ares tinha perdido toda
 a arrogancia do seu porte; encolhido
 e a tremor não se podia já ter nas per-
 nas. A extremidade amarelada das
 suas pennas, outr'ora tão negras, mos-
 trava que padecia de velhice e de fome.
 Ao babilinte eterno dos penhascos som-
 brios, ao mojado das tempestades,
 que assustam os homens, coube-lhe o
 vir dar o ultimo suapiro da sua longa
 vida, perto do comedeiro farto e lu-
 xuoso d'um vulgarissimo papagaio
 real. Este, de papo cheio, e aquecido
 pelo ar tepido da cozinha, ao sentir a
 quêda do corpo enfraquecido do corvo,
 perguntou, num modo gracejador:

— Que é lá! ? Quem passa ?

— Uma voz quasi soluçante, conser-
 vando a meiguice d'um peito corajoso,
 e o vigor do suspiro d'um general mori-
 bundo nos campos da batalha, respon-
 deu:

— Gente de paz, amigo. Descanço um
 momento.

— Olhaum corvo! gritou o papagaio
 cheio de melo. Aqui d'el-rei, que me
 come! Antonio, acode.

Mas o corvo, com uma voz tran-
 quilla e cheia de bondade, serenou-o:

— Não te assustes... Não tenhas a
 meu respeito a opinião do povo, que é
 errada. Sou meigo e infeliz. Tive
 filhos, casa, uma companheira de mu-
 tos annos e tudo me roubaram os ho-
 mens. Durante a minha vida d'um
 seculo, tenho visto mais barbaridades,
 praticadas pelos coraçãoes piedosos, do
 que todas as que attribuem á minha
 raça maldita.

O papagaio, ainda receoso, mas
 cheio de curiosidade, perguntou:

— Então não és feroz e cruel como
 dizem?

— Não. Tenho affectos; no alto dos meus queridos rochedos, muita vez escutei com prazer o canto dos passaros, nossos irmãos, e a alguns quiz imitar.

Amigos meus e meus irmãos viveram entre os homens, tornaram-se familiares, chegando a comprehender a linguagem que se falia. Eu sempre gostei do ar forte e da liberdade das montanhas. Hoje, enfraquecido e cheio de fome, fui arrumado para este telhado pelo vento que toda a vida escarnecei. Ha muitos dias que não como; dá-me alguma cousa d'isso que ahí tens?

— Não posso — respondeu o egoista. — Meu arroz mal chega para mim... Tu tambem o não comias. Do que mais gostas, segundo dizem, é de carne pódre.

— Que remedio tenho eu, á falta de melhor? E' o unico alimento dos infelizes que vivem nas solidões. Comemos tudo... A fome é negra. O teu arroz cheira tão bem... Dá-me um bocadinho. Poucos minutos me restam de vida. Deixa-me ao menos aproveitar da tua comida isso que tu deitas fóra e desprezas.

E fez um esforço para voar; mas não podia. No entretanto esse mesmo movimento ázaz atemorizou o papagaio, que bradou:

— Não te chegues, não te chegues! Tu o que desejás é comer o meu arroz e talvez ongulir-me a mim mesmo. Nada de brincadeiras. Essa tua fraqueza póde muito bem ser fingida, para me enganares. Não te chegues, senão chamo o Antonio, o meu amigo cosinheiro, que arranja coisinhas boas para o meu papinho, e, se elle vem, olhe que dá cebo de ti.

O corvo, quasi agonizante, soluçava, tremendo de frio e de fome:

— Não me odeias lá por eu ter má opinião de toda a gente. No tempo em que era forte, quantas vezes eu não cobri com o meu corpo muitos passarinhos que não podiam resistir á tempestade? Fiz o bem que pude. Soccorre-me hoje, que estou a morrer.

O papagaio, desconfiado e vaidoso, temendo que o rustico habitante dos pincaros lhe sujasse a plumagem vistosa, ordenou:

— Então deixa-te estar ahí. Vou pedir ao Antonio que te deite um pedaço de carne, da que não presta. Talvez a não mereças; mas devemos ser ceridosos; — concluiu, espantando-se.

O velho corvo, já sem altivez, agradeceu com ternura na voz:

— Obrigado! Nosso Senhor t'o pague. No telhado, porém, não podia resistir aos impulsos do vento. Confiado, ou talvez contra vontade, deu um voo do beiral onde estava para o poleiro, desculpaudo-se:

— Tem paciencia. Não posso estar ahí. Comeré n'este cantinho a esmola que me fazes.

Mas a proximidade d'aquelle corpo sujo, volumoso, d'aspecto selvagem, assustou o tímido papagaio real, que logo gritou fóra de si:

— O' Antonio! Traze o páu!...

Esvoaçava sem querer poiaer. Agarrava-se á corrente que o prendia ao comsidoiro. Tremia de verdadeiro medo. elle, saudavel e nédio, diante d'este habitante dos rochedos, que estava a dar o ultimo suspiro.

O cosinheiro, ao vér o corvo imundo e repellente, perto do seu estimado papagaio, exclamou irado:

— Olha o ladrão de um corvo!...

E, dando uma pancada no animal defallecido, atirou-o sobre o lagado da rua onde o desgraçado morreu logo. Em seguida, o Antonio, com o fim de socegar o seu querido, passava-lhe com brandura a mão, na cabeça dizendo:

— Cala-te, loiro, não tenhas medo. Querias-te fazer mal? Levou a sua conta. Coitadinho do loiro...

Assim se cumpre muitas vezes a justiça na terra. Meus filhos, não se deve acreditar facilmente nas culpas d'aquelles que são infelizes, principalmente quando precisam de que se lhes faça bem.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

JORNAL E REVISTAS

Continúa o movimento jornalístico que ha tempos se accentua nesta capital: — uns jornaes morrem, outros reformam-se, outros estão a nascer.

O *Rio de Janeiro* suspendeu a sua publicação.

O *Diario de Notícias* passou a ser propriedade dos Srs. Carapêhus e Dr. Fernando Mendes de Almeida, continuando a ter interesse na empresa os antigos proprietarios, e assumindo Dr. Almeida a direcção da folha, que é neutra em politica, mas francamente abolicionista.

Da *Gazeta da Tarde* desligou-se e retirou-se José do Patrocínio, que era a alma e a força d'aquella folha de combate, estando hoje a sua redacção a cargo dos Srs. Dr. Rego Macedo, Campos Porto e Domingos Maria Gonçalves.

Para a redacção do *Novidades* entrou Urbano Duarte, um escriptor sensato e chistoso.

No dia 28 do corrente setembro, data memoranda, apparecerá *A Cidade do Rio*, a nova folha de José do Patrocínio. Estebelecer-se-á na casa em que esteve a livraria Faro & Nunes. Na sala da redacção figurará um grande e bello retrato do saudosissimo chefe da imprensa abolicionista—Ferreira de Menezes. Patrocínio está organisando uma exposição permanente do estado da escravidão no Brazil, especie de «Museu da Escravidão», que figurará em uma das salas da casa, e em que os estrangeiros poderão avaliar do valor moral e do progresso social d'este paiz, pela collecção de troncos, vira-mundos, anginhos, bacalhús e mais instrumentos de tortura, arrancados pelos abolicionistas, especialmente por Carlos de Lacerda, em Campos, aos escravos que rsggateram do captivoiro.

Espera-se ou annuncia-se tambem o apparecimento de varias outras folhas, cujos titulos e mala particularidades não damos, porque nisto de jornaes o melhor é só annunciar que são apparecer—depois de já terem apparecido. E meamo assim...

E' com grande prazer que annunciamos o apparecimento de mais duas revistas de caracter litterario e artistico: a *Revista Mineira*, a 15 de Agosto,

em Ouro Preto, e o *Archivo Brasileiro*, no mesmo mez, na capital de Pernambuco.

A *Revista Mineira* tem 16 paginas de texto e publicará em cada numero duas illustrações, pelo processo da phototypia, reproduzindo vistas de cidades, paizagens, logares pittorescos de Minas e de outras provincias, bem como retratos de brasileiros notaveis na politica, na magistratura, na sciencia, na litteratura, nas artes, na industria, no commercio e nas acções pies, generosas e philanthropicas.

E' a *Revista Mineira* o primeiro periodico que no Brazil se serve de phototypie para as suas illustrações. Felicitamol-o por isso e á provincia de Minas, que em progressos artisticos e litterarios dignamente porfia em não se deixar distanciar por suas irmãs e mesmo pela capital do imperio.

A redacção da *Revista* reconhece que o trabalho artistico não é ainda inteiramente satisfactorio, chamando acertadamente á phototypia «processo moroso e delicadissimo». As duas primeiras provas que apresentou—o retrato do Imperador e a vista de Ouro Preto—são já duas hellas promessas, especialmente a segunda.

Desde que o Sr. Luiz Costa aperfeiçoou o modo de dar tinta ás chapas photographicas pelliculares, distribuindo-a na quantidade sufficiente, estamos certos de que as novas illustrações da *Revista Mineira* satisfarão completamente.

A redacção é cuidadosa e intelligentemente orientada; e, confiada, como está, aos Srs. José de Mello Freitas e João Augusto da Silve, ó de esperar tenha brilhante futuro.

Deagradou-nos, no emtanto, ver inerta na *Revista* uma novella de Julio Cesar Machado publicada ha vinte e cinco annos! e isso logo no primeiro numero! Porque? Para que?

Em Minas mesmo encontrarão os redactores da revista colaboradores de talento, que os dispensem de reeditar velharias de escriptores portugezes quasi fósseis. Citaremos Augusto de Lima, Americo Lobo, Randolpho Fabrino, José Severiano de Rezende, Avelar Brotéro, Franciaco Lina, pra não citar mais de seis.

Em summa, a *Revista Mineira* iniciou-se sob os melhores auspicios e tem deante de si radioso futuro. Oxalá não lhe eacasseiem o apoio e as sympathias do publico, que tanto merece.

O *Archivo Brasileiro* é dirigido pelos illustrados moços Clovis Bevilacqua e João Alfredo de Freitas, e apresentou-se apenas com estas palavras, que aliás definem a que vem o *Archivo*:

«Esta revista abordará, na medida das forças de seus directores e colaboradores, as questões que lhe parecerem de maior interesse e oportunidade. Embora seus directores tenham uma intuição philosophica assentada, não fecharão as paginas do *Archivo* e exposições convictas de theorias divergentes ou mesmo adveeras. Além de artigos de doutrina e trabalhos de direito pratico, decisões e sentenças de alcance actual, conterá sempre uma resenha bibliographica, na qual se

consignarão ligeiras noticias de livros e revistas.

O sumario do numero inaugural é veriado e copioso. D'ells recomendamos o artigo *Da concepção do Direito como reflectora da concepção do mundo e O espirito do Direito Romano*, importantes obra de Jhering, traduzida pelo conselheiro João José Pinto Junior, que será continuada nos subsequentes numeros do *Archivo*.

E' publicação auspiciosa a que desejamos luminoso e vaato futuro.

A *União*, jornal de Ouro [Preto, publicou, a proposito de visite que lhe fez o gerente d'*A Semana*, as seguintes amaveis linhas, que agradecemos:

«A *Semana*.—Com prazer foi que recebemos em nosso escriptorio a amavel visita do Sr. Guilherme Cabral, cavalleiro distincto, gerente de *Semana*, folha consagrada á bellas letres.

Compondo-se a redacção dos mais notaveis talentos da moderna geração, é de ver como tem conseguido a *Semana* ser coroada de magnificos resultados, crescendo todos os dias a reputação da que gosa, e é merecedore.

Em seu programma offerece-nos vantagens espedias como sejam premios, e um serviço completo de consultas em todos os reinos de conhecimentos juridicos, medicos, commerciaes, etc.

Não corresponderiamos á honrosa visita do Sr. Cabral, se não tomássemos a liberdade de recommendal-o e todos os que amam a litteratura, de qual é seu jornal não só o unico que se publica no Rio, como aquelle que mais satisfaz ao gosto dos que querem algumas horas de amena e util diversão.»

Sob o titulo *Seis de Junho* appareceu nesta corte um novo orgão democratico. O *Seis de Junho*, diz elle em seu artigo de apresentação, vem relembrar ao povo o glorioso ministerio Dantas; ministerio que não deve ser esquecido, porque esquecel-o é olvidar tudo o que houve de digno, de nobre, de elevado na politica brasileira.

Apoiado!... Vivam o conselheiro Dantas e o *Seis de Junho* por muitos annos e bons.

Temos o n. 168 da *Revista de Engenharia*. Fulguram neste numero excellentes artigos sobre industria, mineralogia, estradas de ferro, hydraulica e meteorologia.

Insera bons trabalhos em o n. 16 e *Jornal dos Economistas*. Eis o seu sumario:

O Banco do Brazil. Sociedades anonyms.—A deficiencia do credito e a usura dos estabelecimentos bancarios.—A industria fabril de alcool.—Noticiario; Tunnel da Prainha; Combustão espontanea da madeira; Exposição artistica; Importação de tecidos em New-York.—Administração da Marinha.—Bibliographia.

A Fé é uma flamma activa, que se comunica de um homem a outro e que mais augmenta quanto mais se communica.

F. SARCENY.

A RAYMUNDO CORRÊA

Corrio-te a Mães, infante ainda no berço,
 dos «Primeiros sonhos» despertou-te;
 e desde então cantando, dia e noite,
 Leva-te o genio musical do verso.

As «xantos «Symphonies» do universo,
 Na lyra de ouro sobria, Orpheu legou-te;
 e sem que ao gongorismo vão se affoute,
 O estilo érico, cinzelado a terso.

All, num «microcosmo» condensaste
 Aromas, sons e luz, e, por contraste,
 Os gritos do cistim e a flauta sangue.

Nos «Versos e Versões», porém, conquistas
 O ideal eupremo dos geniaes Artistas,
 Molhando a penna no teu proprio sangue.

AUGUSTO DE LIMA.

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

De volta da sua gloriosa excursão pela provincia de S. Paulo, tem a excellente companhia do artista Emanuel representado *A Morte Civil*, *Hamlet*, *Misanthropo* e *Mestre de forjas*.

A concorrência não tem sido muito numerosa, mas continúa a ser composta do que ha de mais fino em noesa sociedade.

A Morte Civil e o *Hamlet* foram applaudidos com equal, senão maior, entusiasmo ao que obtiveram antes da partida de Emanuel para S. Paulo.

Na terça-feira a companhia italiana dirigida pelo grande artista Emanuel representou *Misanthropo*, a obra prima do teatro de Molière.

O *Misanthropo*, sendo uma das mais bem feitas e das mais hellas obras do grande comico francez, é tambem uma das de menos effeito theatral. O typo do herde é tão verdadeiro, tão completo, tão sentido, que todos os criticos affirmam ser o typo do proprio auctor.

É de notar que, sendo Alceste um personagem escravo do seu temperamento, hilioso, irritadiço, arrebatado—não seja ridiculo, como todos os personagens de Molière.

Dizem tambem que Celimène foi inspirada em Armande Molière, esposa do poeta, que ara muito coquette.

Seja como fór, a comedia é monumental e Alceste é um das mais bellas creações theatraes que conhecemos. A traducção pareceu-nos infeliz e pouco fiel.

O desempenho foi magnifico. Emanuel fez admiravelmente o papel de protagonista; foi maia uma extraordinaria creação que vimos do grande artista moderno que nos tem deslumbrado.

Virginia Reiter fez muito bem o papel de Celimène, a Alaotti deu grande relevo ao de Arsinoé, que na traducção, não sabemos porque carga d'agua, se chama Aspasia.

Valenti foi um optimo Oronte, embora desafinasse bastante em algumas cenas.

Os demaia artistas desempenharam bem os seus papeis.

O espectáculo começou pela comedia *Um qui-pro-qué*, que foi muito bem desempenhada pela Sra. Aleotti e Roncoroni, dois artistas de muito merecimento, que dão sempre grande brilho aos seus papeis.

Fechou o espectáculo com a espirotoosa comedia *Feliz*, o ceremonioso, em que Roncoroni tem um papel magnifico.

MESTRE DE FORJAS

É uma das peças em que mais se revelou o admiravel conjuncto do companhia, uma das que mais afinadamente tem sido representadas.

Virginia Reiter interpretou com muita verdade e grande consciencia artistica o papel de Clara de Beaulieu; teve scenas—como a do collar, no terceiro acto—em que o seu trahalho foi de uma deliciosa delicadeza, mostrando profundo estudo de detalhes. Uma bella interpretação. Emanuel não podia fazer mediocremente o papel de Philippe Derblay; maia fez-o muito bem, especialmente o segundo acto. Valenti foi um Sr. Moulinet magnifico, muito engraçado mas tambem muito verdadeiro. Foi pena que o papel de duque de Bligny fosse dado ao Sr. Marques.

Conhecem, por ventura, um actor mais antipathico do que esse Sr. Marques? Tem uma cara angulosa, aguda, dura de expressão; veate—se mal e nem ao menos corta o cabelo, de modo que parece trazer sempre cabelleira pos-tiça. E a voz? que voz! arranhadoro, asperrima. Irra!

Alguos papeis que têm sido estragados pelo Sr. Marques teriam ganho muito se d'elle se tivesse incumbido Roncoroni, cujo vivo talento e extraordinaria verve so temos podido apreciar em pequenos papeis epiaodicos ou de comedias em um acto.

É um artista de real merecimento o que podia ser aproveitado largamente ae, não sabemos porque motivo, não andasse sempre atirado para a sombra, para o fundo do quadro da companhia.

A Sra. Aleotti foi uma Athenais soberba, com toda a malicia e toda a vaidade que requer o papel.

Do que não gostámos nada, nada, foi do ultimo acto. Emanuel apresentou-se, para botar-se em duelo, de calça e gravata de cor, ao que, aliás, o imitaram os seus companheiros, á excepção da dois ou tres, entre os quaes Valenti e Roncoroni, que comprehenderam que o situacção pedia a *toilette* que se costuma chamar «solemne».

Além d'isso Virginia Reiter, tendo entrado cedo de mais, estragou a scena, ficando, ao fundo, á ospera de que os adversarios disparassem as pistolas. Um desastre.

Parece que nenhum dos artistas, nem mesmo Emanuel ligou importancia ao ultimo acto e por isso não o estudou.

Não terminaremos sem cumprir o ingrato dever de, mais uma vez, declarar a peça do Sr. Ohnet uma das maia inverosimeis, tolas e mal feitas do theatro francez contemporaneo.

SANT'ANNA

Aqui ha tempos vi uma caricatura do Jacintho (já sabem qua ma raffro ao

commendador Heller) feita pelo Belmiro de Almeida para um numero do *Rataplan*, numero que não chegou a ser publicado, em que o nosso tão inatigavel quanto narigado amprazario era representado nos trages legendarios dos astrologos e magicataristas da idade media, fazendo apparecer e desaparecer maravilhas ao mundo da sua varinha. Teve espirito nessa caricatura—aliás como em todas—o nosso Belmiro.

É realmente um magico.—o Jacintho tem conseguido, não se sabe como, resistir á *degringolade* da opereta, e montando sobre peças dispendiosas peças ainda maia dispendiosas, ainda não deu com os burrinhos na agua.

Quando as cousas andam bicudas, faz as malas, encaixotu os deslumbra-mentos, entrouxa as maravilhas, embarca a troupe... atoca para S. Paulo!

Quando volta, traz dinheiro como farinha, e continúa.

Depois da sua ultima excursão, tomou um alvitre supremo e fulminante: dissolver a sua companhia para formal-a novamente, com outro plano, sobre outras lases, sob outra direcção.

E assim fez; e no dia 6 foi a estreia da companhia Heller, corrigida, revista e um pouco augmentada.

O elenco é quasi o mesmo. Apenas ha a lamentar a ausencia do engraçado e omavel Mattos, havendo, porém, para applaudir, a entrada do Peixoto, o desopilante e infatigavel Peixoto.

Para essa sessão alemme... quero dizer: para esse solemne espectáculo de inauguração, como que para ser geral a reforma, reformou o Jacintho uma das maia velhas magicas do seu repertorio *A Princesa Flor de Maio*, de Oliveira e Garrido, o crescentada, no principio, como um acto novo (prothese theatral) e de musica inteiramente nova, devida ao maestrino Abdon Milnez.

Foi um successo enorme.

A peça está encenada e vestida maia do que com luxo: com opulencia; maia do que com opulencia: com prodigalidade; maia do que com prodigalidade: com insanía!

Tudo o numeroso sceario é novo e deslumbantisimo. Os pincéis de Carrancini fizeram maravilhas e milagres de invejação, de ornamentação e de colorido. Correcção no desenho, furação e originalidade na composição, delicadeza e riqueza no toque, variedade e vigor aos côres—tudo, enfim, que é preciso para constituir um scenographo completo e emerito, revelou o joven artista italiano nas scenas que pintou para a *Princesa Flor de Maio*.

Os vestuarios, adereços e mais accesorios são riquissimos: velludo, setim, lentejoulas, galões, ouropeis de primeira qualidade; tudo bom, tudo do melhor, e tudo aproveitado, posto em obra com muito gosto e muito chic. Pelo que, damos os nossos parabens á Sra. Victorie e aos Srs. Lisboa e J. Diaz.

A musica nada accrascenta á reputação artistica de Abdon Milnez; o que não significa que seja madioera: tem alguns trechos muito agradaveis.

A instrumentação muito boa, pecando, antes por demasiado sobria em alguns pontos; a revela a pericia do maestro Miguel Cardoso, regente da orchestra, que foi augmentada e porta-se com rigorosa disciplina; elogio que tambem merecem os coristas.

Graças a Deus já se poda ouvir uaquella theatro a letra dos côres e dos cantores.

O desempenho foi geralmente bom; cabendo as honras d'elle a Vasques, Villiot, Peixoto, Izabel, Pollero. É pena que o Sr. Mequita seja um Principe Beija-Flor tão sem relevo e sem graça.

Que diabol! Não haverá quem emprete um pouco de vida a esse artista? A Sra. Delsol não satisfaz ao seu papel, aliás pouco importante.

O publico—que ara numerosissimo—fez uma ovacção ao Heller, á companhia e ao Carrancini e tem continuado a abarrutar o theatro.

Que isso continue por longo tempo—ão os nossos desejos.

FESTIVAL JOÃO CAETANO

Foi uma festa bellissima a que organisou o artista Vasques para comemorar o passamento do nosso grande João Caetano e se realizou no domingo otrazado. Foi executado todo o programma, que demos em nosso penultimo numero, com excepção apenas da comedia *Como ellas são todas*, que não pode ser representada por ter adoecido a actriz Ismenin. Todos os artistas que tomaran parte no festival foram entusiasmicamente applaudidos.

Vasques tem esperança de que para o anno o anniversario do passamento do genial artista será commemorado ante a sua estatua em bronze, em frente á academia de Bellas Artes.

PHENIX DRAMATICA

Com uma companhia, dirigida por Primo da Costa, reabre no principio de Outubro este theatro, ahindo á scena o drama phantastico «D. João Tenorio» fazendo o protagonista Eugenio de Magalhães qua partirá em breve para a Europa.

P. TALMA.

PARNAZO ALEGRE

JEHOVAH

Como quem nunca esquina se preciza
 Para algum assustar e vir contente,
 Em seu castello, da sexta, de repente,
 Deus grita: «O mar que nos peneas dá!»

« É, como de ago colossal chibata,
 A Zargunche a Terra o condal horrendo;
 « Rôque e troyão, estrepitosamente,
 « E tombo do agudoiro a catarata!.. »

« O troyão ronco, e o vento ergue sem custo
 Tromba de areia, o mar a bacia amarga
 A's penhas lances a chuva abate e arbusta... »

« Porém, de chofre cesa a atroz descarga,
 E quando a Humanidade diz: « Que ruído!
 Jehovah põe-se a rir es'a mão na ilha, ».. »

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GYMNASTIQUE

Brilhou esta digna e sympathica sociedade com a magnifica festa da seu 26º anniversario, que se realizou no sabado passado, com uma numerosa concorrência.

Depois dos exercicios gymnasticos, habitmente executados, foram entregues pelo Sr. 1º secretario da legação franceza medallhas de prata e de bronze a seis socios dos quo mais se distinguiram.

Seguiu-se, e animado, o baile, que só terminou pelas seis horas da manhã. A meia noite foi servido uma abundante e escolhida ceia, durante a qual foram trocados muitos brindes.

Saudamos aos distinctos cidadãos da colouia franceza, membros da directoria, pela agradável noite que proporcionaram aos seus convidados e socios.

TIO ANTONIO.

SPORT

DERBY-CLUB

Muito boas as corridas do domingo. Eis o resultado dos pareos:

No 1º, 1609 metros Medon em 114 segundos, mau tempo, foi indevidamente o vencedor d'esto pareo que illicitamente foi disputado por Vampa que de proposito foi soffreado, chegando em 3º lugar. Boyerdo em 2º lugar. Fagote, Rabccão, Americana e G. Boulanger não tiveram classificação. Araby, Gambetta e Tempestade não correram. Rateio 468600.

No 2º, 1200 metros, inscreveram-se treze animaes, o que deu lugar a devildio a directoria em duas turmas.

Houôlon em 81 segundos foi o vencedor da 1ª turma, com facilidade, chegando Koumarita em 2º lugar e Tara em 3º. Tambem correram Cintra, Little-Prince, Escudo e Half-Way que não mereceram classificação. Rateio 239300.

Phenix foi a vencedora em 81 segundos, da 2ª turma, apenas por cabeça e por habilidade do jockey. Claretto teve o 2º lugar; Apollo em 3º. Sir Tellamond, Egriot e Charotte não tiveram classificação. Rateio 199800.

No 3º, 1609 metros, Queen foi a vencedora, inesperadamente em 109 segundos, correndo de alcance e aproveitando-se da lucta entre Phenicia que chegou em 3º; Rabelais em 2º e Paragaya em 4º. Este pareo foi bem disputado, porém convem notar que o cavallo Rabelais foi derrotado por ter sido mul corrido, apesar do jockey ser bom. Remise não correu. Rateio 269700.

No 4º, 1609 metros, houve diversas partidas falsas, dando em resultado Boreas percorrer 1500 metros, sem que o seu jockey pudesse soffreal-o. Havendo pela 2ª vez novas partidas falsas, Argentino e Corcovado correram tambem 1400 e tantos metros. Dada novamente a partida, Boreas, que estava afindo, venceu facilmente, em 109 segundos, os seus competidores. Diva, que pouco fatigou-se chegou em 2º. Plutus, Argentino e Corcovado não tiveram classificação. Dandy não correu. Rateio 205300.

No 5º, 2100 metros, Regente, em 168 segundos, venceu os seus competidores, fazendo uma esplendida corrida. Tenor, que era o favorito, e reconhecido meio sangue superior, fez triste figura, affrouzando ao caho de 1200 metros e demostando estar preparado para fazer má corrida, e á vista d'isto, a directoria multou-o em 500\$. Odalisca em 2º lugar, fazendo boa corrida. Monitor em 4º e Druid em 3º. Não correm Gambetta. Rateio 618400.

No 6º, 2100 metros, Salvatus, em 102 segundos difficilmente foi o vencedor. Satan perdeu por cabeça, fazendo boa corrida, teve o 2º lugar e Scylla o 3º. Phrynéa não correu. Rateio 128800.

No 7º, 1609 metros, Cecy, em 111 segundos; venceu facilmente os seus competidores. Erse em 2º e Juanita em 3º. Lyra não teve classificação. Rateio 159000.

O jogo da poule attingio a avultada somma de 158:1609000.

JOCKEY CLUB

Com agradável dia, sombrio e fresco realizou esta sociedade a sua sexta corrida annual com programma regular, que foi com feliz exito executado. Eis o resultado dos pareos:

No 1º, 1609 metros, vencedor Visière em 110 segundos. Rateio 258200.

No 2º, 1609 metros, vencedor Apollo, com facilidade, em 103 segundos, Rateio 518400.

No 3º, 1609 metros, houve divisao em duas turmas: Odalisca em 110 segundos, foi a vencedora da 1ª turma, com bastante facilidade. Rateio 288200. Argentino, em 110 segundos, foi o vencedor da 2ª turma. Rateio 218300.

No 4º, 1800 metros, Diva foi a vencedora em 125 segundos, em boas condições. Rateio 178300.

No 5º,—handicap—2000 metros, Peruana fez boa corrida em 136 segundos e foi a vencedora. Rateio 398000.

No 6º, 2500 metros, Phrinéa apozar dos 61 kilos de pezo, venceu os seus competidores com facilidade em bom tempo: 168 segundos. Rateio 188200.

O 7º não se realizou por falta de animaes.

O jogo da poule attingio a somma de 113:5509000.

O Prado Villa-Izabel realiza amanhã uma esplendida corrida, que deverá ser interessante pelo importaate programma, que, na verdade, é digno de toda a attenção dos amadores do turf.

Desejamos uma euchente real.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

LAVRAS DE OURO

Têm sido objecto de curiosidade em Minas algumas amostras de ouro das Lavras de Antonio Pereira, que demonstram não somente a qualidade especifica do rico metal, como a estimativa das lavras, sendo, como se conjectura, as mais abundantes nos arredores de Ouro Preto.

O arraial de Antonio Pereira é um nucleo de quantas riquezas mineraes se podem encontrar juntas, ficando até hoje sem equal na producção do ouro melhor de toda a provincia.

Além d'essas riquezas, encontram-se marmores magnificos, amiantho, oxidos de manganez e terras fertilissimas, sendo ainda cobertas de mattas preciosas.

A respeito especialmente da lavra de Antonio Pereira, o illustrado Dr. Senna, talento superior da escola de Minas, escreveu o seguinte:

« A lavra é situada na vertente norte da serra de Ouro Preto, no arraial de

Antonio Pereira. A jazida aurifera acompanha as faldas da serra com uma extensão bastante consideravel, e so em todos os pontos já não foi ainda encontrada a formação, é isto devido ao facto de se não tor ainda removido as rochas estereis, que cobrem as rochas auríferas.

« O ouro geralmente conhecido como o MELHOR DA PROVINCIA é encontrado em numerosos veios de quartzo, certo as rochas micaceas, e sempre acompanhado de numerosas agulhas e turmalinas negras e oxido de manganez. Não raras vezes se apresenta em octaedros perfectos, e quasi sempre em pequenas palhetas adherentes ora ao quartzo, a pedaços mais ou menos volumosos de oxido de ferro.

« E' uma das lavras, accrescenta o illustrado professor, que mais merece ser objecto de attenção aos exploradores, não só pela excellencia do ouro, como por ser ainda mui pouco trabalhada, visto como o que até agora se tem feito é mais serviço de fiseadores, do que empreendimento serio de esforço dirigido aos imensos depositos do minerio.»

E' curioso como o ouro abunda na terra da moeda em... papel!

Depois de um delicado e profuso almoço, leu na semana passada o nosso presadissimo collega Arthur Azevedo a sua traducção da immortal comedia de Molière Escola dos maridos aos artistas João e Augusto Rosa, Eduardo Brazão, Silva Pereira e Eugenio de Magalhães e aos Srs. José de Mello, Filinto d'Almeida e Valentim Magalhães.

A traducção agradeu extraordinariamente, comprometendo-se, depois dos maiores gabos, os artistas Brazão e irmãos Rosa a faz-la subir á scena do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Muitas e cordiaes felicitações a Arthur Azevedo.

Na casa Moncada está exposto um retrato, a crayon, da fallecida esposa do actor Dias Braga. E' trabalho do reputado desenhista Vasconcellos e executado com a sua reconhecida pericia.

CORREIO

Sr. R. B.—Os seus tercetos, Quando partiste, por se terem mostrado bem disciplinados, tiveram a felicidade de jurar bandeira na Collaboração. Algum dia, talvez ainda este anno, ha de ver como elles desfiam por ali abaixo, a tres de fundo.

Sr. A. L.—Bem bonzinho o seu soneto Mutação; tanto que vou dal-o aqui, não só porque não quero vel-o apertado alli na Collaboração, á espera de fazer a sua continencia ao respeitavel publico, como porque entendo que esta secção não é nenhum peixe podre e merece tambem lamber-se com um soneto bonito.

Ahi vae elle, pois:

MUTAÇÃO

A ARTHUR DUARTE

Sorriu-me de dor vendu-a chorando, E choro de alegria ao vel-a rindo. A. Duarte.

A tristeza que ontr'ra me abatia E o sorriso que outr'ora me alentava Levou-m'os a profunda idolatria De mulher que meu ser idolatrava.

Não goso mais o goso que gosava Nem mais mo dóe a dor que mo doia, Conpoune-me o que enlão as delectava, Deleit'me o que então me compungia.

Pela flor ideal que tanto amava, Sorria de prazer, se elle sorria, E chorava de dor, se ella chorava.

Porém, hoje, sujeito á anomalia, Por seu pranto sorri-me a dor ignava, E por seu riso chora-me a alegria.

Anonio Lima

Creia que fico renlmente satisfeito, quando, entre tanta hagaceira, encontro uma coisa que se possa ler, como essa.

Sr. L. Junior—Ouro Preto. Vne para a Collaboração a sua poesia intitulada O homem. Realmente para os seus 18 annos a sua poesia não deixa de ser homem. Eu só queria que me dissessem porque carga d'agua existe um menino com tapete bastante para fazer com rimas aquillo que Deus fez com barro.

Sr. Bonergeres—Vae tambem para a Collaboração o seu soneto Pôr do sol. Sr. P. L.—Os seus versinhos são graciosos, mas nem o seu metro d'elles me agrada e nem o assumpto brilha pela originalidade.

Isto de desejos é um assumpto já tão estafado que nem se deseja nem vale a pena falar nelle.

Sr. A. C.—Não só está bem metrificada como contem uma bonita ideia (já um tanto explorada) a sua poesia Aves de arribação, razão porque vel-a um dia publicada.

Sr. J. F. M.—A sua Borboleta, em prosa, só o é no nome; no mais tem tanto de borboleta como eu tenho de hungaro. Aquillo hade ser borboleta quando eu for frade.

Podia ser, quando muito, uma chrysalida. Pois não vê que a pobresinha não pode voar porque o senhor esqueceu-se de pregar-lhe as azas do estylo? Quanto o seu Quadro, que é quadrangularmente mau, vossa mercê não descobriu a quadratura do circulo. Não me quadrá o seu quadro, porque é um quadro sem tintas, e quadro sem tinta é para mim como um prato sem petisqueira, um vatapá sem pimenta, uma garrafa sem mata — bicho, e, finalmente, uma algibeira sem nicolás. Olhe: tome o conselho de um tolo: Deixe-se de fazer quadros, porque, depois, os mactambas podem pregar-lhe um rabo—leva e apellidos-o ainda por cima de escriptor... quadrado.

Sr. Mao Tehi—Cá recebi o arroz mas era casca. Sim, porque, como chim, só arroz é que o senhor pode trazer. Ainda se fosse por ali um bom arroz de forno, vá lá! mas qual! O seu arroz não passa de um arroz de boi sem sal. Demais, não posso dar ateução a um homem, que por sua desgraça, tem nome de caixa de pós de dentes. Qualquer dia vem-me por ali um sujeito chamado Betum para Zapatos, como já veio um monstro que se appellidava Jonkopings-assá! Olhe, sabe de uma coisa? Em vez de fabricar versos para a Semana, fabrique, como chim que se presa, traques para divertir-se em familia, que ha de lucrar cento por cento. Ficarà tudo em casa.

Sr. Elysio Angelico—Isto não é um nome, afinal de contas; isto é uma diabetes, tão doce elle é. Não li a sua poesia: Divino amor, porque vi logo que havia de ser por ali um pouco de doce de abobora ou um pedaço de marmellada de caixaeta. Pois — o vate já por si é doce, quanto mais os versos?

O senhor até nem é poeta: é um prato de moleço, é uma canna de assucar! Aposto que S. S. em vez de uma reles cythara, como outro qualquor pñator do rebsinho das Rimas, tange por ahí um pedço de rapadurn com cordns de puchin-pucha. Não ha de ser outra coisa.

Sr. *Quim Tal*.—O quo pretende o nbonho? Quo lhe publicquemos os versos? Ora, menino, vá-se criar. Pois se o amiguinho diz que não conta ainda 15 annos, se está ainda a chupar o dedo como quer lá metter o nartz onde não é chsmado?

Acho que seria muito melhor se o nbonho fosse aprender o signal da cruz e fosse estudar a sua lição de taboada. A criança que, como o meu amiguinho, vai encarpitar-se no Pindo, com a fraldinha a escorregar pela abertura posterior das calças, para d'ahi fazer galfouns ás Musas e garotagens a Appollo, faz jus, não á gloria, mas sim a um bom par de palmadas no fim das costas, ou a 4 1/2 cascudos no sacuruto da cabeça... para criar juizo.

Sr. *L. F. R.*.—A farinha de piau sempre faz muita cousa! Sebo de grilo! Em vez de mandar o seu soneto *Rosa aberta* para ser publicado, V. S. devia submettel-o ao Dr. Gabizo. Mercurio n'ellev Xarope de Ricord para a frente, antes que a gafeira faça com que elle caia aos pedçoços.

Amel-a como Adão houvera idolatrado á Eva. n
Parrengo co'a mão canhoto l

ENRICO.

RECEBEMOS

— *O Guaraní*, grande edição illustrada de Silveira & Guimarães; fascs. ns. 3 e 4, com duas gravuras em madeira.

— *Le Salon de la Mode*, de 13 e 20 de agosto, e de 10 do corrente e *Le Printemps*, de 1 de setembro, remetidos pela importante casa Au Petit Journal.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 85 (e último) com uma formosa chromographia e uma bellissima capa; *As Farpas*, da Ramalho Ortigão, fascs. n. 7, 8 e 9; *Fabulas de La Fontaine*, fascs. ns. 35, 46 e 47.

— *Diccionario Encyclopedico Portuguez*, illustrado, par Francisco da Almeida fasc. n. 5 correspondente da Empreza na Corte M. L. Martins, rua da Quitanda, 77.)

— *Aritmetica*, apontamentos por F. Marcondes Perelra; 1º fasc. 118 paginas).

— *O Crime de Beata Antonio*, romance original portuguez de Eduardo de Borja Reiseditado pela Bibliotheca Serões Romanticos, de propriedade de Malheiros, Andrade & C.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á estatua. Vinho de pepsina e diastase paucresatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Weuceslau d'Almeida e Lafayets de Toledo. Preço 2\$000.

O cobrador Bernardo da Silva Brndão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e apparelho para Lavoura—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio desta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Alvares matinaos, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. Andro Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cozar Tavares Paos encurrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Relojoetro—Alfredo Cesar da Silveira —Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fora.

EMULSÃO DE SCOTT DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO COM Hypophosphitos de Cal e Soda.
 Approvada pela Exma Junta Central de Hygiene Publica e autorisada pelo governo
 É O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA
 Tisica, Bronchites, Escrofulas, Rachitis, Anemia, Debilidade em Geral, Defluxos, Tosse Chronica e Affecções do Peito e da Garganta.
 E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhan, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos.

A VENDA NAS DROGARIAS E BOTIQUAS

FABRICA PEROLA Torrefacção de café

Este afamado café vend-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confeitarias.

CAMPOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andraed, n. 5, por cima da antiga pharmacia Fragoas, das 12 ás 3 horas.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreirn Académico. A venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encal. 1\$000.

SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO
 Analyses de productos naturaes o industriaes, de urinas, calculos e arás da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

Augusto Lizo. — incumbe-se gratuitamente do causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e varindissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonas, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODO

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

OBRAS COMPLETAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICARDINA, to los os volumes serão illustrados de uma esplendida gravura executada pe os Srs.

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tar-le com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ba em fasciculos de 72. ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs. ca la uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livrarios editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol. 4\$000
 OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto. 4\$000
 SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão. 800

Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro. 2\$000
 D. Guiomar Torrezo, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machaço e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*. 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800
 POR VARIOS ESCRITORES
 UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravu. a. 2\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, não-se gratis aos Srs. assignantes os nmeros que lhes faltarem.

PRADO VILLA-ISABEL
PROGRAMMA DA 9ª CORRIDA

A REALIZAR-SE
DOMINGO 11 DE SETEMBRO DE 1887 DOMINGO
AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—Conciliação—1.450 metros—Animaes de menos de meio-sangue.—Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 9 rows of horse racing data.

2º pareo—Consolação—1.450 metros—Animaes nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho, este anno.—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 19 rows of horse racing data.

3º pareo—Omnium—1.450 metros—Animaes de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 9 rows of horse racing data.

4º pareo—Suburbano—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz.—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 4 rows of horse racing data.

5º pareo—Villa-Isabel—1.800 metros—Animaes nacionaes até meio sangue, e de nuro sangue este anno.—Premios: 800\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 5 rows of horse racing data.

6º pareo—Animação—1.800 metros—Animaes de 3 annos, que ainda não tenham ganho.—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 9 rows of horse racing data.

7º pareo—Experiencia—1.600 metros—Animaes nacionaes.—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

Table with 7 columns: Ns., Nomes, Pellos, Idades, Naturalidades, Pesos, Cores das vestimentas, Proprietarios. Contains 8 rows of horse racing data.

OBSERVAÇÕES

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem estar no encilhamento ás 11 horas em ponto; os jockeys que até ás 11 1/4 não se apresentarem á pesagem não serão mais admittidos.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario

O pessoal dos portões póde comparecer na secretaria no dia 10, das 4 ás 7 horas do corrente.

A directoria reserva-se o direito de dividir o segundo pareo, dando ás duas turmas a collocação que mais convier á boa execução do programma.

A participação feita no dia da corrida de que o animal inscripto não corre por dosnte, só será aceita mediante exame do mesmo animal no prado.

PAIVA JUNIOR, 1º secretario

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume ds poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Preço..... 8\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmuert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmuert.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDA POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes sncntram-se nas

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado